

PARA UMA INTERPRETAÇÃO CONDICIONAL DE CONSTRUÇÕES TEMPORAIS DO PORTUGUÊS: CONTEXTOS DE USO

Flávia Bezerra de Menezes HIRATA-VALE¹

- RESUMO: Neste trabalho, apresenta-se uma análise de construções temporais no português escrito do Brasil que podem, a depender de determinados fatores pragmáticos, semânticos e sintáticos, receber uma interpretação condicional. Além disso, é possível dizer que em certos contextos discursivos uma leitura condicional das construções temporais é favorecida. Nesses contextos, as construções temporais expressam habitualidade, e são usadas para argumentar, especificar ou restringir o significado da oração-apódose, ou ainda para mostrar o foco do falante em relação a um tempo de avaliação.
- PALAVRAS-CHAVE: Construções temporais; condicionalidade; contexto discursivo; incerteza epistêmica; eventualidade.

Introdução

Embora sejam numerosos os trabalhos nas mais diversas línguas que atestam a possibilidade de uma leitura condicional das orações subordinadas adverbiais temporais (DANCYGIER; SWEETSER, 2000; DECLERCK; REED, 2001; VISCONTI, 2003), poucos são no português do Brasil os trabalhos que tratam da relação entre condicionais e temporais, dos quais se destacam Neves e Braga (1999) e Sousa (2003).

Neves e Braga (1999) analisam, comparativamente, a questão do grau de gramaticalização de tais construções, usando para tanto dados do português falado no Brasil. Sousa (2003) nega a existência de uma superposição semântico-pragmática entre condicionais e temporais, tendo em vista diferenças formais entre as duas construções (ordem, correlação modo-temporal, tipos de sujeito, etc). A autora assume que a única possibilidade de leitura condicional de uma temporal ocorre quando a temporal é considerada como um *circunstancial*. Em Hirata-Vale (2005) assume-se que há diferentes possibilidades teóricas de se

¹ UFSCar – Centro de Educação e Ciências Humanas – Departamento de Letras – 13565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Endereço eletrônico: flaviavale@ufscar.br

mostrar como o valor condicional pode ser realizado por meio de uma construção temporal marcada pela conjunção *quando*, e que fatores de ordem pragmática, semântica e sintática podem explicar a interpretação condicional dessas construções.

Neste trabalho, analisam-se os contextos discursivos que favorecem uma leitura condicional de construções temporais, contextos nos quais essas construções passam a codificar uma incerteza epistêmica do falante acerca do conteúdo da proposição, e não a sua certeza, como ocorre nas temporais canônicas. Assim, objetiva-se mostrar, por um lado, que essas construções temporais não mais implicam a factualidade, e, sim, a eventualidade, e, por outro, que o valor condicional passa a coexistir com o valor temporal.

Temporalidade e condicionalidade

A relação entre orações condicionais e temporais pode ser apreendida, segundo Traugott (1985), já no desenvolvimento histórico dos conectivos condicionais, uma vez que muitos desses conectivos são formados a partir de fontes lexicais temporais. Nesse sentido, em muitas línguas os itens lexicais usados para expressar a noção temporal de *duração* (por algum tempo), ou itens como o conectivo *quando*, que são ambíguos entre os significados durativo e não-durativo, podem ser considerados como fontes lexicais para a formação de marcas de condicionalidade. Segundo Traugott (1985, p.303)

quando está disponível paradigmaticamente entre um conjunto de conectivos que expressam condicionalidade no inglês (i.e. os falantes têm à escolha o *se*, o *quando*, entre outros). Como membro desse conjunto, ele delinea iconicamente a condicionalidade, porque codifica a 'dadidade' e a contingência temporal do mundo possível que o ouvinte está sendo convidado a imaginar. Como membro de uma categoria maior de conectivos, *quando* serve tanto à sua antiga função como temporal, e sua função mais nova, como condicional, e então sua origem permanece relativamente transparente. Em uma situação ampliada, se o *quando* perdesse seu significado temporal, e se tornasse apenas um marcador de condicionalidade, então ele poderia tornar-se "deiconizado" e finalmente totalmente opaco (como aconteceu com o *se*)².

² *when* is available paradigmatically among a set of connectives that express conditionality in English (i.e. speakers have the choice of *if*, *when* among others). As a member of this set, it diagrams conditionality iconically in that it encodes the givenness and temporal contingency of the possible world that the hearer is being asked to imagine. As a member of the larger category of connectives, *when* serves both its older function as a temporal, and its newer function as a conditional, and so its origin remains relatively transparent. At some larger state, if *when* were to lose its temporal meaning, and become a marker of conditional alone, then it would become deiconized and finally totally opaque (as has happened to *if*).

Para Traugott (1985), muitas vezes o *when* recebe uma leitura *whenever*, e, nesses casos, pode haver uma interpretação condicional, o que também ocorre se se usa o imperfeito na oração núcleo. É por essa razão que Visconti (2003) estabelece uma comparação entre dois conectivos do italiano e do inglês (*qualora* e *whenever*), e mostra como ocorre a mudança semântica do domínio temporal para o condicional. A autora considera que os valores temporal e condicional em tais conectivos têm diferentes graus de cristalização: em italiano contemporâneo, *qualora* é utilizado exclusivamente com valor condicional, enquanto em inglês encontra-se *whenever* tanto com valor condicional como com valor temporal. Essa diferença de usos decorre, segundo Visconti (2003), do fato de que os sistemas de modo e aspecto dessas línguas organizam-se de maneiras distintas, o que pode ser percebido, particularmente, em relação ao papel desempenhado pelo modo subjuntivo, que, no italiano, manifesta a modalização epistêmica, o que não ocorre em inglês.

Para Declerck (1997) e Declerck e Reed (2001), as orações temporais podem ter várias conotações não-temporais, de causa, modo, concessão e condição. Nesses casos o significado temporal coexiste com os outros significados, como nos seguintes exemplos:

- (1) As a matter of fact it wasn't a theft at all. I put down two tins of marmalade when I should have put two tins of jam. (DECLERCK, 1997, p.35)
Na verdade não foi de modo algum um roubo. Eu listei duas latas de marmelada, quando eu deveria ter listado duas latas de geléia.
- (2) I'll stop 'nagging' you when you start doing what you've promised to do. (DECLERCK; REED, 2001, p.32)
Eu vou parar de amolar você quando você começar a fazer o que você prometeu fazer.

que devem receber, respectivamente, segundo Declerck e Reed (2001), uma interpretação contrastiva (1a) e condicional (2a):

- (1) a) Na verdade não foi de modo algum um roubo. Eu listei duas latas de marmelada, *mas* eu deveria ter listado duas latas de geléia.
- (2) a) Eu vou parar de amolar você *se* você começar a fazer o que prometeu fazer.

Faz-se necessário avaliar, então, quais são os contextos de uso que favorecem a interpretação condicional de construções temporais, o que se faz, neste trabalho, a partir da análise de textos do português escrito do Brasil dos últimos 50 anos, das literaturas jornalística, romanesca, dramática, técnica e oratória. Os textos romanescos, dramáticos e técnicos foram coletados no Laboratório de Estudos Lexicográficos, da UNESP, câmpus de Araraquara. Os textos jornalísticos foram encontrados das edições de 1994 a 1999 do jornal *Folha de S.*

Paulo. Foram ainda consultados os *sites* da Academia Brasileira de Letras (www.academia.org.br), do Senado Federal (www.senado.gov.br) e da Câmara dos Deputados (www.camara.gov.br), com o intuito de expandir os dados de literatura oratória³.

Temporais-condicionais: contextos discursivos

Muitos fatores podem ser considerados como motivadores da interpretação condicional de construções temporais, que também se relacionam com os contextos de uso dessas construções, e aos propósitos comunicativos dos falantes. No corpus consultado para este trabalho, verifica-se que as temporais com valor condicional são usadas em contextos nos quais os falantes têm a intenção de defender um ponto de vista, como um recurso argumentativo. Na distribuição das ocorrências pelos tipos de literatura, pode-se perceber que esse tipo de construção é bastante frequente nos textos de literatura oratória:

Tabela 1: Construções temporal-condicionais e tipos literatura

	<i>Jornalística</i>	<i>Romanesca</i>	<i>Técnica</i>	<i>Dramática</i>	<i>Oratória</i>	<i>Total</i>
<i>Temporais</i>	7	8	19	21	24	79

Na literatura oratória, tanto nos discursos de presidentes, senadores e deputados como nos sermões, esse tipo de construção mostra que os falantes querem manifestar suas opiniões de uma maneira persuasiva. É preciso ressaltar que em nenhum discurso da Academia Brasileira de Letras essas construções ocorreram, o que certamente se deve ao fato de que nesses discursos não há essa intenção de persuasão, uma vez que neles encontram-se as apresentações dos novos membros da Academia, em seus discursos de posse.

Nas ocorrências seguintes, encontram-se exemplos claros desse uso argumentativo. O Presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu discurso, fala sobre continuidade e mudança, e as vantagens e desvantagens delas decorrentes. E como se fizesse um arremate, apresenta um argumento final, de que não devemos ter medo de inovar quando os nossos interesses e valores assim indicarem:

- (3) Temos identidade e valores permanentes, que hão de continuar se expressando em nossa política externa. Continuidade significa confiabilidade no campo internacional. Mudanças de uma visão de longo prazo podem satisfazer interesses conjunturais, mas

3 Após cada ocorrência, identifica-se o tipo de literatura em que ela foi encontrada: LT (técnica), LR (romanesca), LD (dramática) e LO (oratória). Nos casos de ocorrências da Literatura Jornalística, marca-se o nome do jornal, seguido do ano de publicação (FSP/ano).

não constroem o perfil de um Estado responsável. Não devemos, contudo, ter receio de inovar quando os nossos interesses e valores assim indicarem. Numa fase de transformações radicais, marcada pela redefinição das regras de convivência política e econômica entre os países, não podemos, por mero saudosismo, dar as costas aos rumos da história. Temos, sim, que estar atentos a eles para influenciar o desenho da nova ordem. (LO)

- (3) a) Não devemos, contudo, ter receio de inovar se os nossos interesses e valores assim indicarem.

Em (4), o pregador discorre acerca dos “males” do comunismo para os católicos e argumenta que querem promover a luta de classes, ainda quando, na aparência, estão defendendo objetivos de acordo com a doutrina da Igreja.

- (4) Primeiramente, não nos iludamos, os comunistas jamais desejam reparar injustiça alguma. Eles só querem fomentar agitação, mal-estar, oposição de classe contra classe, de maneira a obter a aversão e o ódio de uma contra outra. Ainda quando, na aparência, estão a defender objetivos inteiramente de acordo com as exigências e a doutrina da Igreja, ainda nessas ocasiões, o que de fato intentam é promover a luta de classes, o grande meio que Lenine lhe pôs nas mãos para atingirem seu fim último: o domínio do mundo e a tirania da nova classe dirigente, o partido comunista. (LO)

- (4) a) Ainda se, na aparência, estão a defender objetivos inteiramente de acordo com as exigências e a doutrina da Igreja, ainda nessas ocasiões, o que de fato intentam é promover a luta de classes.

Nesse caso é até possível perceber uma nuance condicional-concessiva, a partir da qual a seguinte interpretação poderia ser licenciada:

- (4) b) **Mesmo se**, na aparência, estão a defender objetivos inteiramente de acordo com as exigências e a doutrina da Igreja, ainda nessas ocasiões, o que de fato intentam é promover a luta de classes.

Uma ressalva deve ser feita em relação aos textos jornalísticos. Embora o número de dados encontrados tenha sido baixo, todas as sete construções do corpus são usadas para mostrar o ponto de vista do falante, como comprovam as ocorrências seguintes, em que os jornalistas responsáveis pelos artigos de opinião fazem suas considerações acerca dos problemas do País, e da eleição de Fernando Henrique Cardoso:

- (5) O brasileiro vem vivendo, nos últimos 10, 15 anos, uma sequência de decepções. Foi assim com a eleição de Tancredo e sua morte, com o Plano Cruzado e seu fracasso, com os vários planos estéreis que seguiram o Cruzado, com a Constituição milagrosa de 88, com a ascensão e queda de Fernando Collor de Mello. O que nos salva da depressão abissal, do nihilismo e da nulidade, é que esses momentos intensos, mas fluidos, são

intercalados por fatos concretos, documentados, arquivados, referências inquestionáveis que nos ancoram quando o vendaval parece definitivamente nos arrastar. O grande problema é quando a história oficial é revista e também os fatos começam a nos faltar. Foi o drama que corroeu, por exemplo, a fé dos comunistas a partir de 1956, quando foi iniciada a revisão do stalinismo. (FSP/95)

- (5) a) O grande problema é se a história oficial é revista e também os fatos começam a nos faltar.
- (6) Infelizmente, esta eleição não tem o dom de subitamente eliminar a fisiologia e o clientelismo da cultura política nacional. Será preciso enfrentar com rigor esses vícios. A tarefa de FHC fica ainda mais difícil quando se considera que um dos partidos que melhor encarna a imagem dessa maneira de fazer política – o PFL – faz parte do seu arco de alianças. (FSP/94)
- (6) a) A tarefa de FHC fica ainda mais difícil se se considera que um dos partidos que melhor encarna a imagem dessa maneira de fazer política – o PFL – faz parte do seu arco de alianças.

Nos textos da literatura dramática, prevalecem os usos das construções temporais que expressam a habitualidade, e por essa razão passam a ser interpretadas como condicionais (HIRATA-VALE, 2008). Visconti (2003) afirma que, nesses casos, dois conjuntos de eventualidades co-ocorrem ou co-ocorreram de maneira regular, o que se pode perceber por meio do uso de determinadas configurações aspectuais e temporais, como se vê nas ocorrências seguintes:

- (7) PM: Esse negócio de ler é mesmo pra mulher. Quando eu vejo um homem lendo um troço até me dá vontade de cuspir. Homem tem é que fazer os troços pro jornal escrever. O dia em que homem aprender a ler mulher só vai servir pra um troço mais e mulher só pra isto até é falta de respeito. Afinal a mãe da gente também é mulher. (LD)
- (7) a) PM: Esse negócio de ler é mesmo pra mulher. *Se* eu vejo um homem lendo um troço até me dá vontade de cuspir.
- (8) C: Encontrei uma moça na sala de espera do Alfredo vendendo roupinhas de bebê! Se eu soubesse, comprava um presente pro seu sobrinho!
Ro: Imagine, dona Cândida! Muito obrigada.
C: Olha, meu filho: as roupinhas eram bonitas, mas a moça... a moça era simplesmente linda! Dessas de homem olhar pra trás quando encontra na rua! (LD)
- (8) a) Dessas de homem olhar pra trás *se* encontra na rua!

Nessas ocorrências, os falantes usam as construções temporais para expressar a recorrência dos estados de coisas que estão codificados na oração-prótase. As construções temporais mostram uma situação – “ver um homem lendo um troço” / “encontrar uma mulher na rua” – que sempre acontece em

algumas circunstâncias, e por isso é entendida como satisfação da condicionalidade. Sendo assim, o preenchimento da situação que se expressa na oração-prótase está condicionado à situação que se prediz na oração-apódose. É mesmo possível acrescentar uma outra paráfrase, agora com o *sempre que*, conforme a análise de Visconti (2003):

(7) b) Esse negócio de ler é mesmo pra mulher. *Sempre que* eu vejo um homem lendo um troço até me dá vontade de cuspir.

(8) b) Dessas de homem olhar pra trás *sempre que* encontra na rua!

Os tempos verbais mais usados na interpretação habitual ou habitual-iterativa das construções temporal-condicionais são o presente e o imperfeito do indicativo. Esses tempos verbais favorecem o imperfectivo, uma vez que suas constituições temporais internas são ressaltadas.

Além desses usos, as construções temporais podem ser encontradas também em contextos nos quais os falantes tentam **especificar** ou **restringir** de alguma forma o significado da oração-apódose, conforme propõem Declerck e Reed (2001). Os autores chamam as construções que servem para a especificação de *case-specifying*, porque o *quando* pode ser interpretado como *em um caso em que* ou *no caso em que*, como em

(9) Política é isso, afinal: a defesa de determinados interesses, de preferência legítimos, o que, no Brasil, já seria um tremendo, formidável progresso. Mas, quando uma determinada política põe praticamente todos os interesses da sociedade organizada de um lado só, convém parar para pensar se não há nela algo de errado, talvez até de muito errado. (FSP/98)

(9) a) Mas, *se* uma determinada política põe praticamente todos os interesses da sociedade organizada de um lado só, convém parar para pensar se não há nela algo de errado, talvez até de muito errado.

(9) b) Mas, *no caso em que* uma determinada política põe praticamente todos os interesses da sociedade organizada de um lado só, convém parar para pensar se não há nela algo de errado, talvez até de muito errado.

(10) Quando o espaço disponível é pequeno, um mesmo compartimento é permanentemente redefinido em função da sessão que abriga. Os centros maiores dispõem geralmente de aposentos exclusivos para cada tipo de sessão. (LT)

(10) a) *Se* o espaço disponível é pequeno, um mesmo compartimento é permanentemente redefinido em função da sessão que abriga.

(10) b) *No caso em que* o espaço disponível é pequeno, um mesmo compartimento é permanentemente redefinido em função da sessão que abriga.

Na ocorrência (9), a oração-prótase “quando uma determinada política põe praticamente todos os interesses da sociedade organizada de um lado só” especifica o significado da oração-apódose “convém parar para pensar”. Pode-se dizer que o falante faz *X quando/se/no caso em que* ocorre uma situação específica *Y*. Em (10), o falante afirma que “um mesmo compartimento é permanentemente redefinido” em um determinado caso específico: quando “o espaço disponível é pequeno”.

Há um outro tipo de situação de especificação em que as construções temporais podem ser interpretadas como condicionais, a que Declerck e Reed (2001) chamam de *set-restricting*. Nesse caso, a restrição da oração-prótase se dá sobre o subconjunto expresso na oração-apódose, como se pode perceber nas seguintes ocorrências:

(11) Al: (...) E se você continuar metendo o pau no método eu falo com o doutor. Aí você vai ver a bronca que leva. Marido é prá ajudá, não é prá atrapalhar, não... E esse negócio da gente fazê força e vocês lá fora bancando o nervoso, vai acabá também, viu...
J: Calma!... Ufa!... O médico explicô porque vocês ficam ranheta?
Al: Explicou sim. É quando tem marido besta! (LD)

(11) a) Al: Explicou sim. É *se* tem marido besta!

(12) O pensamento constitui essa experiência. A idéia que fazemos de alguma coisa, o seu significado, está inextricavelmente ligado à maneira como a vivemos. Percebemos o mundo através de representações - conceitos sobre a ordem e a natureza das coisas. Quando são articuladas e estruturadas essas representações constituem sistemas. As religiões são alguns desses sistemas. (LT)

(12) a) *Se* são articuladas e estruturadas essas representações constituem sistemas.

Na ocorrência (11), a oração “é quando tem marido besta” restringe o conjunto de mulheres que ficam ranheta a um subconjunto, ou seja, a construção implica que as mulheres só ficam ranheta se têm maridos bestas. Na ocorrência (12), a oração “quando são articuladas e estruturadas” especifica um subconjunto a partir do conjunto de representações que constituem sistemas. Nesses tipos de especificação, a oração-prótase especifica os casos em que a oração apódose pode ser verdadeira restringindo o escopo da predicação da apódose a um subconjunto de um conjunto plural, a que a apódose faz referência ou que nela está implicado (DECLERCK; REED, 2001, p.49).

As construções temporais também podem ter uma interpretação condicional quando são usadas como **focalizadoras**. Segundo Declerck e Reed (2001), essas orações diferem das construções temporais canônicas, porque não especificam o tempo da oração principal, ou mesmo o tempo a que essa oração remete, mas

expressam o foco do falante em relação a um tempo de avaliação ou de observação, como se pode conferir nas ocorrências seguintes:

- (13) O Sr. Rodolpho Tourinho (PFL - BA) - Senadora Patrícia Saboya, além de elogiar o seu brilhante depoimento, quero lhe dizer: continue firme. Às vezes, sinto que tem havido razões de desânimo para V. Ex^a, que tem tido forças para enfrentar o problema. Quando pensamos em nossos filhos e no que poderá acontecer com eles, só temos o que agradecer. (LO)
- (13) a) *Se pensamos em nossos filhos e no que poderá acontecer com eles, só temos o que agradecer.*
- (14) Mas, se há uma enorme diferença entre uma ilusão salvacionista e uma realidade que já se cumpre, seria ingênuo acreditar que a relação entre o presidente eleito e a sociedade será menos problemática, que as expectativas estarão a partir de agora acomodadas. Persiste, e é fundamental, uma forte esperança. Olhá-la de frente é o desafio e a responsabilidade maior do futuro presidente, sobretudo quando se considera que FHC conseguiu eleger-se já no primeiro turno, fato incomum para qualquer democracia que adota o regime de dois turnos. (FSP/94)
- (14) a) *Olhá-la de frente é o desafio e a responsabilidade maior do futuro presidente, sobretudo se se considera que FHC conseguiu eleger-se já no primeiro turno, fato incomum para qualquer democracia que adota o regime de dois turnos.*
- (15) Mas essa folgada liderança se mostra bem mais frágil quando se analisa um outro número revelado pela pesquisa: a intenção de voto espontânea. Nesse tipo de sondagem, em que o eleitor responde em quem votará sem receber nenhuma espécie de estímulo como a cédula eleitoral, Covas despenca para 5%, empatando com Paulo Maluf, que nem mesmo é candidato. (FSP/94)
- (15) a) *Mas essa folgada liderança se mostra bem mais frágil se se analisa um outro número revelado pela pesquisa: a intenção de voto espontânea.*

Em todas essas ocorrências, pode-se perceber que a construção temporal indica um **tempo epistêmico**, em que o falante chega a uma determinada conclusão a partir da sua avaliação sobre a situação. Na verdade, o tempo nesse tipo de construção diz respeito ao momento em que o falante chega à sua conclusão sobre os eventos que estão sendo postos em consideração.

Em (13), por exemplo, o falante conclui que é preciso agradecer no momento em que “pensamos em nossos filhos”. Essa avaliação a respeito dos filhos tem relação com a **atitude epistêmica** do falante, e não está envolvida, diretamente, com o tempo cronológico, mas com o conhecimento desse falante sobre a situação, seu tempo de julgamento.

Em (14), o falante diz que é preciso olhar de frente a relação entre o presidente e a sociedade, principalmente no momento em que se se leva em consideração que FHC conseguiu eleger-se no primeiro turno.

Em (15), a folgada liderança é considerada pelo falante como mais frágil no momento em que se faz uma análise da intenção de voto espontânea. Pode-se dizer, assim, que nessas ocorrências se especifica o momento em que o falante faz a sua avaliação acerca de uma situação.

Certamente, existe uma relação estreita entre a noção de tempo epistêmico e o uso já mencionado das construções temporais com valor condicional como um recurso argumentativo, porque o falante, ao avaliar uma situação, manifesta sua opinião, expressa seu ponto de vista acerca dessa situação. Nesse sentido, pode-se dizer que as construções temporais com valor condicional manifestam os juízos subjetivos dos falantes acerca das proposições postas em consideração.

Conclusões

Neste trabalho, analisou-se o uso de construções temporais que têm um valor condicional. As construções temporais são usadas com valor condicional quando o falante quer restringir ou especificar uma informação que foi expressa na situação. Além disso, constatou-se um uso epistêmico das construções temporais. Nesses casos, a construção temporal não remete ao tempo em que essa construção ocorre, mas ao tempo em que o falante faz sua avaliação a respeito da situação. O falante, então, “manifesta-se” nessa construção, e disso pode decorrer uma maior subjetividade. É o que se pode perceber nos textos da literatura jornalística. Mesmo que poucas ocorrências tenham sido encontradas nesse tipo de literatura, todas elas indicam um tempo epistêmico, um fato que poderia ser considerado como característico dos textos jornalísticos de opinião, tais como os artigos que foram analisados neste trabalho.

HIRATA-VALE, F. B. M. Conditional interpretation of temporal constructions: contexts of use. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.167-177, 2008.

- *ABSTRACT: In this paper it is presented an analysis of temporal constructions in written Brazilian Portuguese that, depending on some pragmatic, semantic and syntactic factors, may receive a conditional interpretation. It is possible to consider that in certain discursive contexts the conditional connotation is favoured. In those contexts, temporal constructions express habitual action, and are used to persuade, to specify or to restrict the meaning of the apodosis, or even to show the speaker's focus towards an evaluative time.*
- *KEYWORDS: Temporal constructions; conditionality; discursive context; epistemic uncertainty; eventuality.*

Referências

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Constructions with if, since and because: causality, epistemic stance and clause order. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, concession, contrast, condition: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p.111-142.

DECLERCK, R. *When-clauses and temporal structures*. London: Routledge, 1997.

_____.; REED, S. *Conditionals: a comprehensive empirical analysis*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.

HIRATA-VALE, F. B. M. *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático*. 2005. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

_____. Temporais-condicionais: construções preditivas. In: MAGALHÃES, J. (Org.). *Linguística: caminhos e descaminhos em perspectiva*. Uberlândia: Editora da UFU, 2008.

NEVES, M. H. M; BRAGA, M. L. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.14, 1999. Número especial. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2001.

SOUSA, G. C. *Se tempo fosse condição...: um estudo das estruturas de tempo e de condição no português oral brasileiro*. 2003. 172 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

TRAUGOTT, E. C. Conditional markers. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.289-307.

VISCONTI, J. From temporal to conditional: Italian qualora vs. English whenever. In: JASZCZOLT, K.; TURNER, K. (Ed.). *Meaning through language contrast*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.23-50.

Recebido em novembro de 2007

Aprovado em janeiro de 2008